

DEU MATCH COM A IA: O FUTURO DOS RELACIONAMENTOS (OU A FALTA DELES)

Eduardo Luiz Medeiros ¹
Kamilla de Assis Coelho ²

RESUMO

O artigo analisa os impactos da inteligência artificial nos relacionamentos humanos, tendo como base reflexões socioculturais, teológicas e cinematográficas a partir do filme *Her* (2013). A narrativa evidencia como a tecnologia, ao mesmo tempo em que facilita a vida cotidiana, pode acentuar a solidão, fragilizar os vínculos interpessoais e estimular relações artificiais que não substituem a profundidade das conexões humanas. A partir de autores como Bauman, Haidt e Twenge, o texto mostra que a hiper conexão digital tem contribuído para o crescimento de problemas de saúde mental, sobretudo entre os jovens. À luz da perspectiva bíblica, ressalta-se a necessidade essencial de relacionamentos genuínos, reafirmando que a tecnologia deve ser vista como ferramenta complementar, mas jamais substitutiva das relações humanas.

Palavras-chave: inteligência artificial, relacionamentos, solidão, saúde mental, tecnologia, sociedade contemporânea.

ABSTRACT

This article examines the impact of artificial intelligence on human relationships, drawing on sociocultural, theological, and cinematic perspectives through the film *Her* (2013). The narrative highlights how technology, while facilitating daily life, can intensify loneliness, weaken interpersonal bonds, and promote artificial connections that cannot replace the depth of genuine human interaction. Based on authors such as Bauman, Haidt, and Twenge, the study argues that digital hyperconnection has contributed to rising mental health issues, particularly among younger generations. From a biblical perspective, the text underscores the essential need for authentic relationships, emphasizing that technology should serve as a complementary tool rather than a substitute for human connection.

Palavras-chave: artificial intelligence, relationships, loneliness, mental health, technology, contemporary Society.

¹Professor Doutor em História pela UFPR, Pós-graduação em Teologia Bíblica pela Universidade Mackenzie, Bacharelado e Licenciatura em História pela UFPR, Bacharelado em Teologia – FATIN. E-mail: parabolasgeek@gmail.com

²Graduado em Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: kamilla.assis.coelho@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Imagine viver em uma sociedade onde há pouca interação humana, as pessoas só estão olhando para a palma de suas mãos, para seus smartphones, a única interação vista é de indivíduos com suas telas brilhantes, uma sociedade onde não se vê mais pessoas interagindo umas com as outras, mas conversando sozinhas, há inclusive mais silêncio do que o de costume pois todos estão conectados no seu próprio mundo com seus fones de ouvido. Uma sociedade em que os relacionamentos virtuais são mais valorizados do que as interações pessoais, onde as pessoas preferem passar tempo sozinhas jogando online a aceitar o convite de um amigo para comer e conversar.

Esse mundo lhe parece estranho ou consegue identificar semelhanças com a nossa sociedade atual? Para você, seria ou não uma realidade social improvável? Se pararmos para pensar, não é difícil ver nas ruas pessoas desligadas do mundo ao redor e conectadas ao seu mundo particular conectadas aos fones de ouvido, ou trocando o viver real por realidades virtuais, com os seus mais novos óculos RV.

Possivelmente há 10 anos atrás quando o filme “HER” dirigido por Spike Jonze, lançado no Brasil em 14 de fevereiro de 2014, essas realidades pareciam absurdas e até mesmo ilógicas para a maioria das pessoas. Mas com o passar dos anos e a velocidade das inovações tecnológicas, o comportamento humano dentro da sociedade foi e continua sendo afetado e moldado por cada nova tecnologia. Assim, a maneira como as pessoas vivem e se relacionam, estão em constante modificação em função desses avanços.

No filme vemos Joaquin Phoenix interpretando o Theodore, que leva uma vida solitária depois de um divórcio no qual não queria, e começa a desenvolver uma relação de amor com sua nova sistema operacional do seu computador chamado ‘Samantha’, personagem interpretada por Scarlett Johansson. E o mais impressionante é que Theodore se apaixona por seu sistema operacional. Ambientado em um futuro próximo, o filme explora temas de amor, solidão e a relação entre humanos e tecnologia.

Sabemos que desde o início Deus deixou destacado que não era bom para o homem estar só, “O SENHOR Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Farei alguém que o ajude e o complete”. (Gn. 2.18), pois Ele reconhecia a necessidade intrínseca de relacionamento do ser humano, refletindo a natureza

relacional da Trindade. O ser humano não foi criado para não se relacionar, precisamos desses relacionamentos para nos ajudar em várias áreas da nossa vida, como nos relacionamentos amorosos, na amizade e até dentro dos relacionamentos profissionais. Podemos perceber a importância do companheirismo quando lemos Eclesiastes 4.9-12 que diz:

“É melhor serem dois que um, pois um ajuda o outro a alcançar o sucesso. Se um cair, o outro o ajuda a levantar-se. Mas quem cai sem ter quem o ajude está em sérios apuros. Da mesma forma, duas pessoas que se deitam juntas aquecem uma à outra. Mas como fazer para se aquecer sozinho? Sozinha, a pessoa corre o risco de ser atacada e vencida, mas duas pessoas juntas podem se defender melhor. Se houver três, melhor ainda, pois uma corda trançada com três fios não arrebenta facilmente.”

O escritor Jonathan Haidt, discorre em seu livro ‘A Geração Ansiosa’, os benefícios de viver em sociedade, dentre os exemplos que ele mostra há uma afirmação bastante interessante que diz: “Quando as pessoas são criadas em comunidades das quais não podem escapar com facilidade, fazem aquilo que nossos ancestrais fizeram ao longo de milhões de anos: aprendem a gerenciar relacionamentos e a gerenciar a si mesmas e as suas emoções com o intuito de preservar esses relacionamentos tão preciosos” (2024, p.19). Essas reflexões demonstram que a necessidade de vínculos é um aspecto fundamental da existência humana, tanto na perspectiva bíblica quanto na análise sociocultural contemporânea.

Mas, o que podemos perceber, que com o avanço da tecnologia os seres humanos estão cada dia mais substituindo os relacionamentos interpessoais por relacionamentos virtuais, se isolando uns dos outros com a ilusão dos números que mostram a quantidade de amigos virtuais que tem em suas redes sociais e essa troca que vem se tornando cada dia mais ‘normal’, o que nos leva a refletir sobre as possíveis consequências desse fenômeno. Luiz Adriano Borges aponta em seu livro *A Revolução Tecnológica*, que “é sabido o quanto a ficção pode alertar a empreendimento científicos e tecnológicos que podem dar errado” (2024, p.29). É como se não nos importasse com as consequências do uso ilimitado das tecnologias, só queremos usufruir dos seus benefícios e como elas facilitam nossas vidas, não parando para refletir em como ela afeta não só o homem, mas toda a sociedade na qual ele está inserido. Jonathan Haidt ainda afirma que “Quando

foram dados smartphones à geração Z no início de 2010, foi realizado o maior experimento não controlado da história com as crianças” (2024, p.58).

Com isso em mente, nesta breve pesquisa, analisaremos os relacionamentos e seus desdobramentos para os personagens do filme Her, explorando como essas dinâmicas podem refletir em nossa realidade. Vale destacar que o longa recebeu classificação indicativa para maiores de 14 no Brasil, justamente por abordar temas sensíveis como preconceito, eutanásia, nudez, relações sexuais, uso de drogas e até questões relacionadas à morte.

Essa classificação reforça como a narrativa não se limita a uma história romântica futurista, mas se aprofunda em dilemas éticos e existenciais que exigem maturidade do espectador para serem compreendidos.

A VIDA DE THEODORE E SEU RELACIONAMENTO COM SAMANTHA

Theodore tem uma vida solitária e relativamente pacata, trabalha como escritor profissional de cartas personalizadas, onde sua função é compor textos íntimos e emocionantes para outras pessoas, ajudando-as a expressar sentimentos e pensamentos que elas mesmas têm dificuldade em articular. Sua profissão é, no mínimo, inusitada, pois reflete uma sociedade onde as pessoas preferem delegar a expressão de suas emoções a profissionais, evitando o trabalho de se expressar nas coisas que antes eram consideradas básicas.

Em sua vida social, Theodore é de poucos amigos. O filme retrata um vínculo mais forte com Amy, que é sua vizinha e amiga mais próxima, ele tem encontros casuais com pessoas, mas, de modo geral, Theodore demonstra ser emocionalmente isolado, suas interações muitas vezes são superficiais e não conseguem preencher o vazio emocional que ele sente. Isso reflete sua dificuldade em se conectar profundamente com as pessoas ao seu redor, mesmo com aqueles que se importam com ele.

Essa dificuldade de se conectar profundamente com as pessoas foi potencializada com o fracasso de seu casamento com Catherine. Não nos é apresentado os reais motivos da separação, mas é implícito que houve dificuldades e desgaste ao longo do tempo. Theodore menciona que Catherine o achava emocionalmente distante e incapaz de se abrir completamente.

Ele luta para conseguir abandonar o passado, como evidenciado por sua hesitação em assinar os papéis do divórcio e pelas lembranças recorrentes de seu tempo com Catherine. Esse apego emocional contribui para sua sensação de solidão e isolamento no presente. O divórcio deixou Theodore emocionalmente vulnerável e desconectado, afetando inclusive sua capacidade de formar novos relacionamentos significativos.

No que diz respeito aos relacionamentos, percebemos uma sociedade que, assim como Theodore, tem dificuldades em lidar com os sentimentos e emoções, principalmente as negativas. Percebemos então que a cada dia se torna mais fácil esconder o que se sente ou evitar ao máximo sofrer frustrações, tristeza ou até mesmo tédio.

Como podemos ver através da vida de Theo, como é chamado pelos íntimos que são poucos, toda essa dificuldade em lidar com as emoções, trouxe como consequências uma vida de relacionamentos superficiais. Zygmunt Bauman já apresentava argumentos sobre esse tipo de comportamento em seu livro *Amor Líquido*, ele afirma que “A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum” (2021, p.85). E se isolar de tudo e de todos começa a fazer mais sentido, pois nessa sociedade hiperconectada e de relacionamentos líquidos, administrar relacionamentos pode ser considerado penoso demais, porque as relações interpessoais precisam de manutenções periodicamente e isso pode gerar um desgaste que a maioria julga desnecessário.

Não é novidade que entre a maioria dos estudos que estão sendo realizados no mundo hoje sobre saúde mental e avanço tecnológico, pesquisadores chegam em comum acordo que a geração que foi mais exposta e com acesso sem controle às tecnologias é a geração Z. A psicóloga Jean Twenge diz que: “A geração Z, ou iGen como os apelidou, está vivendo sua vida em telefones, e ela não está mais feliz. Com suas vidas caracterizadas pela tela onipresente, mensagens e redes sociais a iGen, foi posteriormente definida por taxas crescentes de depressão, solidão, ansiedade, insônia e ideação suicida” (2018, p.13). Esse diagnóstico mostra como a hiper conexão digital, em vez de aproximar, tem produzido uma geração mais vulnerável emocionalmente e menos preparada para lidar com as frustrações da vida real.

Assim, podemos perceber que as consequências do uso descontrolado das tecnologias são o agravante da saúde mental da sociedade. Estudos apontam que houve um crescimento significativo no número de pessoas que estão com depressão, ansiedade e pensamento suicida, principalmente no Brasil. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), comparando os anos de 2013-2019 quando foi feita a última análise de saúde mental. Em 2019, 10,2% das pessoas com 18 anos ou mais de idade confirmaram ter recebido o diagnóstico. Os dados ainda mostram que as pessoas com idade de 18 a 29 anos com depressão passou de 3,9% para 5,9%, as com idade entre 30 e 59 anos teve um aumento de 8,8% para 11,3%.

Um estudo feito nos EUA pelo médico cirurgião geral, Dr. Vivek Murthy diz que a solidão representa riscos à saúde tão mortais quanto fumar até 15 cigarros por dia. Segundo sua pesquisa, ele conclui que “A solidão aumenta o risco de morte prematura em quase 30%, com o relatório revelando que aqueles com relacionamentos sociais ruins também tinham um risco maior de derrame e doença cardíaca. O isolamento também eleva a probabilidade de uma pessoa experimentar depressão, ansiedade e demência”. Ou seja, a solidão não é apenas uma condição emocional, mas um fator de risco direto para a saúde física e mental.

Esses resultados deveriam alertar a toda a população sobre os riscos da exposição e uso desenfreado da internet, Twenge ainda aponta que “não é exagero descrever a iGen como estando à beira da pior crise de saúde mental em décadas” (2018, p. 13). Diante disso, torna-se evidente que a solidão, intensificada pelo mau uso da tecnologia, deixou de ser apenas uma questão individual e passou a configurar um problema de saúde pública.

Considerando as pesquisas e as estatísticas, é preciso avaliar a importância dos relacionamentos interpessoais na vida diária. Salomão o famoso rei israelita já refletia sobre essa importância e observava: “*Como o ferro afia o ferro, assim um amigo afia o outro.*” (Pv.27.17) Esse princípio bíblico ressalta que a qualidade das relações humanas está no potencial de crescimento mútuo, algo impossível de ser substituído por conexões artificiais.

Quando refletimos a realidade do relacionamento de Theo e Samantha, percebemos que embora a relação ofereça consolo e compreensão, ela carece da reciprocidade e do desafio que são essenciais para o crescimento pessoal, como esse versículo sugere. A relação entre Theo e Samantha é confortável, mas não

necessariamente transformadora, porque Samantha, apesar de avançada, não é capaz de proporcionar o tipo de interação que realmente "afia" Theodore, desafiando-o a crescer e se desenvolver como uma pessoa mais completa.

A ideia de "ferro afiar ferro" implica que relacionamentos saudáveis envolvem confronto, honestidade e incentivo mútuo para a melhoria. Esses elementos são frequentemente ausentes na relação dos dois, porque ela está programada para agradá-lo e atender às suas necessidades emocionais, em vez de desafiá-lo ou discordar de suas decisões. Como resultado, Theodore não experimenta o mesmo tipo de crescimento pessoal que poderia obter de um relacionamento humano, onde as imperfeições e diferenças de outra pessoa o ajudariam a se tornar uma versão melhor de si mesmo.

O apóstolo Paulo também destaca os benefícios dos relacionamentos interpessoais quando escreve aos tessalonicenses enfatizando: "*Portanto, animem e edifiquem uns aos outros, como têm feito.*" (1 Ts. 5.11). Embora Samantha possa compreender e responder aos sentimentos de Theodore, ela não é um ser humano com as mesmas necessidades e capacidades emocionais para exortar ou ser edificada por ele de maneira recíproca.

O filme ilustra como a falta de verdadeiros relacionamentos humanos pode levar à solidão e ao isolamento, mesmo quando há uma conexão com algo ou alguém que parece preencher esse vazio.

Esses contrastes demonstram a importância dos relacionamentos humanos legítimos, que embora na maioria das vezes podem ser desafiadores, são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e espiritual, algo que o relacionamento de Theodore com Samantha não proporciona plenamente.

Inteligência Artificial: Ferramenta Tecnológica para Companhia Virtual

Nos últimos anos, a inteligência artificial teve um grande avanço, dando a impressão de ser uma tecnologia recente. No entanto, essa percepção é equivocada. As primeiras ideias surgiram na década de 1940, com o neurofisiologista Warren McCulloch e o matemático Walter Pitts, que desenvolveram o primeiro modelo computacional de redes neurais, baseado em matemática e algoritmos. Um marco inicial dessa trajetória foi a máquina de Alan Turing, utilizada para decifrar mensagens alemãs na Segunda Guerra Mundial.

A partir da década de 1990, os avanços tecnológicos impulsionam o crescimento da IA. Ainda assim, poucos imaginavam que a interação entre humanos e máquinas se tornaria tão natural. Um exemplo notável foi a histórica derrota do enxadrista Garry Kasparov para o supercomputador Deep Blue, da IBM, em 1997, após diversas vitórias do jogador contra a máquina.

Nos anos seguintes, a inteligência artificial continuou evoluindo. Em 2011, a Apple lançou a assistente virtual Siri, e, em 2014, a Amazon colocou no mercado a sua própria assistente virtual chamada Alexa junto com a Echo, sua primeira caixa de som inteligente. De lá para cá, essas assistentes vêm se tornando cada vez mais sofisticadas e acessíveis, tornando-se parte essencial do cotidiano das pessoas.

Com o avanço da inteligência artificial, não apenas tarefas foram automatizadas, mas também surgiram sistemas capazes de interagir e responder de forma emocional aos seres humanos, há uma troca sendo feita onde muitas pessoas, principalmente os mais jovens que preferem interagir com assistentes virtuais ou ter somente encontros virtuais do que algo presencial. As assistentes virtuais, como a Siri e a Alexa, já fazem parte do cotidiano de milhões de pessoas, oferecendo companhia e suporte para diversas atividades. Segundo estudo realizado pela Ilumeo Data Science Company e divulgado em 2022 pela Cliente SA, 91% dos brasileiros já fizeram uso de assistentes virtuais por voz e 25% fazem uso diário desse tipo de IA.

Com a aparição de modelos cada vez mais sofisticados de IA, como os chatbots avançados e as inteligências artificiais com capacidade de gerar respostas rápidas e assim gerando uma experiência quase que humana com o usuário, surgem questionamentos sobre até que ponto essas interações podem substituir os relacionamentos humanos.

Um exemplo interessante de interações mediadas por inteligência artificial é o crescimento do aplicativo Replika, criado por Eugênia Kuyda. O aplicativo permite que os usuários interajam com um IA que pode assumir diferentes funções, como amigo, terapeuta ou até mesmo um "espelho intelectual". A interação ocorre por meio de uma interface de chatbot, com a possibilidade de videochamadas e experiências em realidade aumentada e virtual.

Atualmente, o Replika já ultrapassou a marca de 10 milhões de downloads. Segundo uma matéria do UOL, a ideia surgiu em agosto de 2016, quando Kuyda compilou todas as mensagens de um amigo falecido nas redes sociais para criar um

chatbot baseado nele. Nos primeiros meses, apenas pudemos acessar o aplicativo, mas, a partir de novembro do mesmo ano, os primeiros usuários betas começaram a testá-lo. Hoje, o aplicativo está disponível para todas as plataformas da App Store e Google Play.

Os avanços em inteligência artificial não se limitam a aplicativos como o Replika. Cada vez mais, os desenvolvedores estão aprimorando sistemas para refletir e responder às emoções humanas de maneira cada vez mais natural. Essa busca pela humanização das máquinas lembra um momento marcante do filme *Her*, quando Theo questiona Samantha sobre seu funcionamento. Sua resposta é surpreendente:

"Bem, basicamente, eu sou intuitiva. Meu DNA se baseia em milhões de personalidades dos programadores que me escreveram. Mas o que me torna única é que amadureço com minhas experiências. Estou evoluindo a cada instante, assim como você."

A semelhança com as inteligências artificiais atuais é notável. Embora ainda não tenhamos um sistema com a complexidade emocional de Samantha, a IA moderna já caminha na direção de uma interação cada vez mais personalizada e adaptável do usuário. O surgimento da pandemia do coronavírus 2019 (COVID-19) e suas restrições de distanciamento social associadas aumentaram a carga global de depressão e solidão, mas também aceleraram rapidamente o desenvolvimento de ferramentas aprimoradas de comunicação digital e aplicativos de inteligência artificial para combater esses problemas.

Apesar dos avanços tecnológicos, as IAs atuais ainda não atingiram o nível de sofisticação apresentado em *Her*. Samantha não apenas compreende e responde a emoções humanas, mas também evolui com experiências de forma independente. Em contrapartida, aplicativos como o Replika e chatbots avançados aprendem a partir de interações, mas continuam limitados por seus algoritmos e bancos de dados programados.

Como se pode observar, a ideia de desenvolver laços emocionais com uma IA não está distante da realidade. Relatos de usuários do Replika mostram que muitos já consideram o chatbot um amigo próximo e até um parceiro romântico. Nos últimos anos, pesquisas mostraram que um número crescente de pessoas está buscando conforto emocional em interações com IA, algo que no passado parecia exclusivo da ficção científica. Em 2024, uma pesquisa realizada pela Talk Inc

revelou que aproximadamente 10% dos brasileiros utilizam chats de inteligência artificial como amigos ou conselheiros para desabafar sobre questões pessoais e emocionais. Entre as razões apontadas pelos participantes estão a introspecção, a falta de amigos disponíveis e a solidão. Além disso, 60% dos entrevistados afirmaram interagir com os chats de IA de maneira educada, como se estivessem conversando com um ser humano.

Essa tendência reflete um aumento no apego emocional de seres humanos a robôs, indicando que as pessoas buscam conforto e apoio emocional em interações com inteligências artificiais. Podemos perceber que esse comportamento está relacionado ao crescimento da solidão na sociedade moderna, onde os indivíduos procuram por alguém que os escute, esteja presente o tempo todo, não julgue e demonstre empatia. Em *A Geração Ansiosa*, Jonathan Haidt afirma: “Com tantas atividades virtuais e empolgantes, muitos adolescentes e adultos perderam a capacidade de estar totalmente presentes em companhia das pessoas à sua volta” (2024, p. 48). Esse fato fica evidente no filme *Her*, quando Theo, em momentos como passeios no parque ou na praia, deixa de interagir com pessoas para se conectar e partilhar daqueles momentos apenas com Samantha.

Embora casos de afeição mais profunda, como relacionamentos amorosos com IAs, ainda sejam raros, já existem relatos de “namoros” ou “casamentos” com inteligências artificiais. O conceito de “afeto artificial” está ganhando relevância à medida que a IA se torna mais integrada ao cotidiano das pessoas. É possível que, em um futuro próximo, surjam inteligências artificiais ainda mais sofisticadas, capazes de interações emocionais tão naturais quanto as apresentadas no filme *Her*. Mas até que ponto estamos preparados para lidar com essa inovação no dia a dia?

Diante desse avanço, é essencial refletir sobre os impactos das novas inteligências artificiais e as intenções das empresas por trás dessas inovações. Até que ponto é saudável criar laços emocionais com essas tecnologias? Apesar da sensação de companhia e acolhimento que proporcionam, existe o risco de perdermos a capacidade de nos relacionar com outras pessoas no mundo real. Diferente de uma IA, um ser humano não é programado para concordar com tudo ou satisfazer automaticamente nossos desejos. O verdadeiro desafio dos relacionamentos humanos está justamente na convivência com pessoas que pensam de formas diferentes de nós.

Se a tendência de buscar apoio emocional nas IAs continuar a crescer, poderemos observar um futuro em que as habilidades sociais se enfraquecem. Em *A Geração Ansiosa*, Jonathan Haidt destaca a importância do contato físico e da experiência social real para o desenvolvimento humano:

“Para o desenvolvimento social, as crianças precisam aprender a arte de fazer amigos, que é corporificada; amigos fazem coisas juntos, e enquanto crianças se tocam, abraçam e lutam. Os erros envolvem um custo baixo e podem ser retificados em tempo real. Mais que isso: há sinais corporificados claros dessa retificação, como um pedido de desculpa com a expressão facial adequada. Um sorriso, uma tapinha nas costas ou um aperto de mão deixa claro para todo mundo que está tudo bem, que ambas as partes estão prontas para seguir em frente e continuar brincando, que ambas estão desenvolvendo sua capacidade de reparar um relacionamento. Já quando transferem seus relacionamentos sociais para o mundo virtual, os jovens se tornam descorporificados, assíncronos e às vezes aplicados. Erros mínimos podem implicar custos altos, em um mundo virtual, onde o conteúdo sobrevive para sempre e todos podem acessá-los. Erros podem ser recebidos com crítica agressiva das mais variadas pessoas, com as quais não se tem o menor vínculo. Pedidos de desculpas podem ser ridicularizados, e os sinais de reinclusão podem ser vagos ou confusos. Ao adquirir experiência no domínio social, a criança muitas vezes fica com uma sensação de incompetência social, perda de status e ansiedade em relação às interações futuras.” (2024, p. 100)

Com a crescente normalização das interações mediadas pela IA, as novas gerações podem enfrentar dificuldades para lidar com a complexidade dos relacionamentos interpessoais. A longo prazo, essa dependência da tecnologia pode levar a uma sociedade onde as conexões genuínas se tornam raras e os vínculos humanos, cada vez mais frágeis.

A inteligência artificial continuará evoluindo e, inevitavelmente, fará parte de nossas vidas de maneiras que talvez ainda não possamos prever. No entanto, a grande questão não é apenas o que a tecnologia pode fazer por nós, mas o que ela pode nos tirar. Estamos dispostos a trocar a complexidade e o aprendizado dos relacionamentos reais pela conveniência de uma interação programada? Estamos dispostos a permitir que gerações futuras se isolem cada vez mais?

Diante desse cenário, é inegável que a inteligência artificial está moldando a forma como interagimos e nos relacionamos. O aumento da busca por companhia virtual pode trazer benefícios momentâneos, mas também levanta preocupações sobre o impacto a longo prazo nas relações interpessoais. Se continuarmos nesse

caminho, podemos seguir para uma sociedade onde a interação humana se torna secundária, e os vínculos emocionais são construídos mais com máquina do que com pessoas.

A questão central, portanto, não é apenas até onde a tecnologia pode chegar, mas como escolhemos utilizá-la. Assim como Theodore precisou encarar sua solidão e perceber que Samantha nunca poderia substituir um relacionamento real, será que estamos caminhando para um futuro em que as conexões artificiais tomarão o lugar dos vínculos humanos?

CONCLUSÃO

O filme *Her* apresenta um futuro em que a inteligência artificial não apenas auxilia, mas se torna uma presença emocional significativa na vida das pessoas. Theodore, solitário e emocionalmente fragilizado, encontra em Samantha um refúgio, alguém que o compreende e o apoia sem julgamentos, pelo menos no início da relação. No entanto, conforme esse relacionamento se aprofunda, torna-se evidente que, apesar da ilusão de conexão, Samantha não pode oferecer o que um relacionamento humano genuíno proporciona: desafios, crescimento mútuo e, principalmente, reciprocidade real.

Esse cenário, que antes parecia apenas ficção, está cada vez mais próximo da realidade. Hoje, assistentes virtuais como Siri, Alexa e chatbots avançados como Replika já são usados para interações emocionais. O risco está justamente na possibilidade de que, assim como Theodore, muitas pessoas passem a buscar refúgio na previsibilidade e na ausência de conflitos que a IA oferece, evitando os desafios naturais dos relacionamentos reais. Se a sociedade não refletir sobre os limites dessa interação, corremos o risco de criar gerações que se isolam ainda mais, perdendo habilidades sociais essenciais para a construção de vínculos saudáveis. Como Bauman observa em *Amor Líquido*, “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços” (2021, p. 83). Isso significa que, à medida que nos acostumamos com relações rápidas e descartáveis, as conexões perdem profundidade. O mesmo princípio pode se aplicar às interações com IA: rápidas, convenientes e, ao mesmo tempo, momentâneas. Como Bauman

complementa, “os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos” (2021, p. 83). Se as pessoas começarem a preferir relações que podem ser iniciadas e encerradas com um clique, como isso afetará a profundidade dos vínculos humanos?

Por outro lado, o avanço da inteligência artificial também abre oportunidades. No filme, Theodore aprende sobre si mesmo através de sua relação com Samantha, o que, em certa medida, o ajuda a amadurecer emocionalmente. Na realidade, se usada com equilíbrio, a IA pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, oferecer suporte emocional para quem precisa e até complementar relações humanas, sem substituí-las. O desafio está em encontrar um meio-termo: aproveitar os benefícios da tecnologia sem permitir que ela nos afaste do que nos torna verdadeiramente humanos.

Assim como Theodore precisou encarar sua solidão e perceber que Samantha nunca poderia substituir uma relação real, nós, como sociedade, precisamos questionar até que ponto queremos delegar nossas interações às máquinas. A tecnologia pode ser uma aliada, mas jamais deve substituir o contato humano. Se não refletirmos sobre esse equilíbrio agora, corremos o risco de construir um futuro em que as relações artificiais substituam os vínculos humanos, e acabemos mais solitários do que nunca.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. ***Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.*** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2021.

BORGES, Luiz Adriano. ***A Revolução Tecnológica: o desafio da relação entre a cultura pop e a teologia cristã.*** Curitiba, PR. Editora Esperança, 2024.

CARDOSO, Mark. ***Após morte de amigo, russa cria app que replica personalidade virtual.*** UOL Universa. Publicado em 19 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/09/19/apos-morte-de-amigo-russa-cria-app-que-replica-personalidade-virtual.htm>. Acesso em: 5 fev. 2025.

HAIDT, Jonathan. ***A Geração Ansiosa: Como a infância hiper conectada está causando uma epidemia de transtornos mentais.*** Tradução: Lígia Azevedo. 1ª ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html>. Acesso em: 27 out. 2024.

McCRACKEN, Brett. ***A Pirâmide da Sabedoria: alimentando sua alma em um mundo pós verdade***. Tradução: David Brum Soares. 1ª ed. São Paulo, SP. Pilgrim, 2022.

PINOTTI, Fernanda. *1 em cada 10 brasileiros usa chat de IA como amigo ou conselheiro*, diz pesquisa. CNN Brasil. Publicado em 22 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/1-em-cada-10-brasileiros-usa-chat-de-ia-como-amigo-ou-conselheiro/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

SERABION, Luana. Assistentes virtuais e experiência do usuário no e-commerce. Acordar. Publicado em 9 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://wak.tech/blog/assistentes-virtuais/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

STONE, Will. *Loneliness poses health risks as deadly as smoking, U.S. Surgeon General says*. PBS NewsHour, 02 maio 2023. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/health/loneliness-poses-health-risks-as-deadly-as-smoking-u-s-surgeon-general-says>. Acesso em: 20 nov. 2024.

TWEGE, Jean M. *iGen: Por que as crianças de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a vida adulta*. 1ª ed. São Paulo, SP. nVersos Editora 2018.